

O MOVIMENTO CARTONERO NO DESENVOLVIMENTO DE APRENDIZAGENS E PRÁTICAS SOCIOAMBIENTAIS

Jessiklécia Josinalva de Siqueira¹
Carmen Roselaine de Oliveira Farias²

RESUMO

Na Argentina, em 2003, surge um movimento com o objetivo de expandir a acessibilidade ao mercado literário, transformando as concepções e as influências ao consumo a partir do aproveitamento do papelão para a confecção de livros. Com essa nova forma de confecção, envolveram-se catadores de lixo e diversas pessoas que, juntos, buscaram proporcionar uma leitura comum a todos, já que tinha baixo custo no processo de produção. O movimento cartonero chega ao Brasil em 2007 e se espalha pelo país. Dessa forma, o principal objetivo do presente estudo é examinar as novas aprendizagens ativadas pelo Movimento Cartonero, assim como reconhecer relações com processos de exercício da cidadania ambiental, caracterizando os ambientes relacionados a esse movimento como espaços informais mediadores de aprendizagens. Temos por procedimentos metodológicos, análises bibliográficas, trabalho em campo com a observação participante e posterior análise dos dados coletados. Utilizando-se de um convite a fazer parte de uma nova proposta para se produzir livros, o movimento cartonero se baseia no conteúdo que nele habita e na consequência que este tem na vida dos indivíduos, tendo como produto uma aprendizagem desenvolvida de maneira espontânea e através da troca mútua de conhecimentos e vivências, sendo estas caracterizadas principalmente pela preocupação ao estímulo à reflexões e levantamento de problemáticas pelos indivíduos inseridos nos contextos. Concomitantemente, o movimento é uma abertura para que eles se expressem e difundam suas ideias através da escrita.

Palavras-chave: Movimento Cartonero, Cidadania Ambiental, Educação, Aprendizagem Situada.

INTRODUÇÃO

O Movimento Cartonero surgiu na Argentina em 2003 através da Eloísa Cartonera, mas só chegou ao Brasil em 2007 com a Dulcineia Catadora. A diversificação da literatura e a integração dos indivíduos através dela, junto com a oportunidade de produzirem suas histórias reutilizando materiais em uma confecção coletiva, diferenciam as editoras cartoneras das editoras convencionais.

Ao associar o movimento com a construção de aprendizagens, podemos observar no próprio processo de confecção dos livros práticas que envolvem múltiplos processos de

¹ Graduanda do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal Rural de Pernambuco, Campus Dois Irmãos, jessiklecia.siqueira@gmail.com

² Professor orientador: doutora, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Campus Dois Irmãos, crofarias@gmail.com

O estudo é resultado do projeto de Iniciação Científica financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)

aprendizagem. Contudo, através da confecção dos livros de papelão, o movimento cartonero oportuniza também a aquisição de valores baseados em uma ética ambiental, junto a oportunidade de consumir conteúdos literários caracterizados por serem “*mucho más que libros*”³, ou seja, conteúdos que se expressam também pelas entrelinhas e além delas.

O presente trabalho busca compreender as relações e os processos pelos quais os humanos e não humanos passam e se constituem, não como opostos, mas correlacionados e interdependentes no contexto do movimento cartonero, tendo como relevância o conjunto de práticas que leva o indivíduo a se responsabilizar e pensar no meio ambiente. Essa responsabilidade se estende além do pensar, complementando-se com o atuar.

Entretanto, é necessário garantir que os indivíduos sejam estimulados no engajamento de práticas sustentáveis que ressignifiquem seus conceitos e atitudes. Ambas se conectam através das ações presentes no cotidiano das editoras, tendo como objeto de estudo (representando-as) a Mariposa Cartonera, situada em Recife (Pernambuco), caracterizando-se como base para a identificação e análise das ações que constituem o movimento.

O objetivo, portanto, é examinar influências do Movimento Cartonero sobre as aprendizagens e processos da formação da cidadania ambiental, caracterizando os ambientes relacionados a esse movimento como espaços informais mediadores de aprendizagens. Contudo, busca-se dar ênfase a seus processos de formação, suas relações internas e externas, seus propósitos e métodos de trabalho, correlacionando esses processos às aprendizagens com/na prática e à construção da cidadania ambiental.

METODOLOGIA

Sendo esse trabalho de natureza qualitativa, foi adotado o estudo de caso, que se fundamenta nos pressupostos teóricos da aprendizagem em comunidades de prática (Lave, 1998).

Para desenvolver o estudo foi realizada uma pesquisa bibliográfica e aprofundamento teórico visando a revisão da literatura sobre o movimento cartonero, sendo realizado em conjunto o trabalho de campo buscando atender-se às relações entre contextos, práticas e experiências dos sujeitos. Neste sentido, foram realizados trabalhos de campo com observação participante e análise documental com ênfase na produção escrita e imagética destas práticas.

³ Em português: “*Muito mais que livros*”, é a frase criada pelo coletivo da Eloísa Cartonera e utilizada por muitas editoras para se referirem aos livros que são confeccionados a partir dos pressupostos do movimento.

Na realização do trabalho de campo, a Mariposa Cartonera foi o coletivo que proporcionou um maior contato com o movimento, principalmente dentro do estado de Pernambuco.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com as quebras das censuras populares, durante meados da década de 90 e início dos anos 2000, mudanças político-econômicas fizeram-se necessárias em quase todos os estados latinos, resultando em profundas crises na maioria dos países. Contudo, a Argentina encontrou-se à beira do colapso, acarretado pelo modo de implantação do modelo neoliberal vigente (BILBIJA, 2010).

Os movimentos engajados tinham um caráter independente, desvinculando-se do mercado e, por isso, diversificando seu conteúdo. Estes, expressariam a cultura sem se prenderem ao quanto renderia em dinheiro, opondo-se à lógica do mercado global que até então influenciava, sem encontrar resistência, o consumo da sociedade. (BUTER, 2014).

Foi então que Washington Cucurto, Javier Barilaro e Hernán Bravo ao serem abordados por um catador de lixo, ouviram a jornada que era contada por aquele homem. O grupo decidiu comprar o material do catador, que portava um papelão embaixo do braço, por um valor mais alto do que o habitual e ao se questionarem qual destino dariam ao objeto, tiveram a ideia de confeccionar livros, utilizando o papelão recém adquirido para as primeiras capas (BILBIJA, 2010).

Os papelões que, mais a frente, seriam necessários para a confecção de novos livros, poderiam ser adquiridos através de diferentes catadores, melhorando a vida dessas pessoas. Estas teriam uma fonte de renda fixa, já que comprariam o papelão por um preço maior que o tido na reciclagem, e periodicamente, ou seja, na medida que os livros fossem vendidos (KUDAIBERGEN, 2015). Uma relação simbiótica passa a ser a principal característica dessa interação, deixando de lado resquícios uma hierarquia fortalecida pelas desigualdades.

O mesmo grupo abordado pelo catador de lixo, fundou a Eloísa Cartonera (Eloísa Catadora), uma editora que traz consigo o estímulo a reflexão e a expressão, por meio da literatura, uma vez que, passa a adotar em sua produção literária a colaboração de muitas pessoas, desde catadores até mesmo artistas que *cederiam* suas obras para publicação (BILBIJA, 2010). Não há demarcações de atividades a serem realizadas por uma única pessoa, embora possam optar por aquela atividade que mais se identifiquem, sem restrições. Todos são estimulados a se expressarem, dentro e fora dos livros (KUDAIBERGEN, 2015).

Com a proposta de fornecer uma literatura acessível a todos, a *Eloísa Cartonera* estabeleceu a seus livros preços acessíveis para que as classes menos abastadas da população tivessem acesso a esse conteúdo, oportunizando seu consumo. (BILBIJA, 2010).

Após a *Eloísa*, o movimento começou a se expandir por toda a América Latina, alcançando proporções globais, atraindo a atenção de muitas pessoas e inspirando-as a somar ao movimento, independentemente de onde se localizavam. No entanto, não é possível quantificar com exatidão o número de editoras presentes no mundo, já que algumas delas são criadas nas próprias casas dos envolvidos, não possuindo um local específico para a produção dos livros. Em um levantamento realizado por Bilbija (2010) havia uma estimativa de 31 editoras na América Latina, 7 na Europa e uma na África, totalizando 39 editoras espalhadas pelo globo (BILBIJA, 2010).

Em um levantamento realizado mais recentemente pela Malha Fina Cartonera (2016), disponibilizado em seu *website*, o número de editoras dispostas pelo mundo equivale a cerca de 183, dentre elas estão as que já existiram ou ainda existem. Gradativamente algumas delas desativaram-se restando, atualmente, cerca de 110 editoras espalhadas pelo globo, resultando em um número de editoras inativas que atingem aproximadamente 73 editoras.

SURGIMENTO DO MOVIMENTO NO BRASIL E EM PERNAMBUCO

O Movimento Cartonero chegou ao Brasil em 2007, por meio de Lucia Rosa e Peterson Emboava, que juntos criaram a *Dulcineia Catadora*. A *Dulcineia Catadora* surgiu em São Paulo, logo após a 27ª Bienal, onde os seus fundadores conheceram o movimento, que teve suas origens na Argentina anos atrás, através dos precursores do movimento. A realização de oficinas, intervenções, congressos, eventos de publicação e parcerias, possibilitou o desenvolvimento emancipatório das editoras, ganhando proporções significativas com a aproximação das editoras (FANJUL, 2016). Atualmente a *Dulcineia Catadora* realiza diversas oficinas com a sociedade.

Posteriormente, há a criação da Liga Cartonera por Wellington de Melo (criador da *Mariposa Cartonera*), ajudando a interligar o movimento não só no Brasil, mas em todo o mundo. A editoras traduzem conteúdos uma das outras, promovem a viabilidade de editoras recém-formadas, trocam experiências e comunicam-se. Evidenciando-se como uma das mais importantes contribuições para o desenvolvimento do movimento, uma vez que a difusão literária consegue ultrapassar limites e fronteiras.

Anos seguintes, a Severina Catadora surge em Pernambuco como primeira editora cartonera de Pernambuco, mais precisamente em Garanhuns, interior do estado. Com diversas práticas e oficinas com crianças, adultos e adolescentes, seja essas em escolas ou fora delas. Práticas sociais foram bem desenvolvidas nessa editora, embora atualmente ela esteja um pouco menos ativa do que no passado.

É comum editoras inseridas no movimento adotarem um binômio que receba “catador” ou “cartonero” em sua composição. Outra curiosidade também é a palavra que antecede o catador/cartonero ser um substantivo escrito no gênero feminino, o que acontece com a grande maioria, embora esse último fator se deva somente ao acaso.

Apesar da Mariposa possuir um local para realizar suas atividades, algumas editoras, principalmente as que estão iniciando suas produções possuem como ateliê sua própria casa e contam, por vezes, com o engajamento dos familiares na produção e difusão dos livros.

CONHECENDO O UNIVERSO CARTONERO

Muitas vezes nós apenas abraçamos aquilo que é estereotipado como positivo e optamos por ignorar aquilo que foge dos padrões e incita a uma reflexão. Há tanta influência e mídias por trás do que consumimos que, por vezes, esquecemos daquilo que realmente nos agrada e passamos a gostar de coisas que estão sempre em ascensão (GOLEMAN, 2009).

Mesmo conhecendo aquele velho ditado que nos alerta a não julgar um livro pela capa, ainda hoje vemos a ocorrência de julgamentos baseados em estereótipos. Os livros são um grande exemplo disso. Comumente vemos os autores de best-sellers predominando no mercado literário. Não podemos dizer que não há talento, mas muitas vezes o investimento em autores já consagrados, monopoliza o mercado e não abre espaço para a diversificação, seja de conteúdo ou autores.

No mundo do comércio, somos coletivamente vítimas de prestidigitação: o mercado é organizado como se houvesse um ilusionista pregando uma peça em nossa percepção. Não conhecemos os verdadeiros impactos do que compramos e não percebemos que não sabemos. Não saber que não notamos é a essência da auto ilusão (GOLEMAN, 2009, p.27).

O movimento cartonero está arraigado na ânsia de trazer ao foco autores nunca vistos antes, mas que possuem tanto talento quanto aqueles que estampam *outdoors*. Ao mesmo tempo em que deixa as portas abertas para os autores já conhecidos, mas que querem difundir sua escrita sem precisar cobrar um preço exorbitante sobre ela.

Segundo Wellington, fundador da Mariposa Cartonera, a proposta da editora é a de trabalhar em cima de um ativismo artístico e social, indo além da pura confecção de livros. Dessa forma, notamos que livros podem estar repletos de críticas às questões sociais, seja direta ou indiretamente, trazendo muito mais que textos em suas páginas.

A Mariposa não possui um padrão para seus textos, nem tampouco um critério baseado em um gênero literário para a publicação de obras. O acervo encontrado é diversificado e perpassa pelos mais variados temas e gêneros. Outro aspecto importante a ser destacado é que a Mariposa também possui obras de outras editoras, sejam apenas para o acervo da sua biblioteca internamente, ou até mesmo para vendas.

APRENDIZAGENS NAS PRÁTICAS CARTONERAS

Segundo Assunção e Coelho (1999) aprendizagem é o resultado do estímulo ao ambiente sobre o indivíduo já maduro, que se expressa numa situação-problema, sob forma de uma mudança de comportamento em função da experiência. A aprendizagem engloba o desenvolvimento de todos os poderes, capacidades e potencialidades do indivíduo, sejam estas físicas, mentais e/ou afetivas, envolvendo muito mais do que um transmissor e um receptor ligados por um processo de memorização. Dessa forma, a aprendizagem não depende de uma só potencialidade, mas sim do conjunto. (LAVE; PACKER, 2011, p. 13).

Para identificar as aprendizagens é preciso observar o engajamento do(s) aprendiz(es) nos múltiplos contextos ao invés de voltar-se apenas para os momentos “naturalizados” de aprendizagem que, comumente, têm como referência características similares às vivenciadas no contexto escolar (LAVE, 2015).

Vale ressaltar, de antemão, que aprendizagem e cultura não se constituem isoladamente, uma interfere e participa do desenvolvimento da outra. A cultura irá estar fortemente presente nas comunidades de prática (CoPs). E as mudanças que as práticas possam sofrer serão processos culturais, coletivos, pessoais, situados e historicamente constituídos.

Segundo Wenger (2000), CoPs são caracterizadas, sobretudo, pelos grupos de pessoas que compartilham uma preocupação ou uma paixão por algo que fazem e procuram aprimorar cada vez mais habilidades por meio por meio de trocas de experiências, buscando soluções para uma classe comum de problemas incorporando, um estoque de conhecimento. No caso do movimento cartonero, as editoras surgiram para proporcionar autonomia aos autores/leitores que seriam instigados a dialogar com mais frequência com a literatura, assim como, realizar reflexões a partir dela.

Antonello e Ruas (2005) ainda complementam que uma CoP pode ser definida pela existência de um tópico de interesse, pela possibilidade de interação e relações entre os indivíduos em torno desse tópico, e então temos uma prática e não, meramente, um interesse compartilhado. As editoras cartoneras possuem a ânsia de difundir a literatura por toda parte e abrir espaço para que novas vozes sejam ouvidas, ao mesmo tempo em que se movimenta a economia (com o engajamento dos catadores) e estabelece interações entre os indivíduos, utilizando-se, principalmente, das oficinas cartoneras para esses momentos.

Essa relação entre participação e aprendizagem conecta não só a atividade cerebral e corporal, mas também engloba a abstração e experiência. As pessoas, conjuntamente com suas ações no mundo, estão implicadas em todos os pensamentos, expressões, conhecimento e aprendizagem (LAVE; WENGER, 1991).

O movimento cartonero possui um vasto acervo de obras e de editoras, os gêneros literários e os temas abordados nas escritas variam e auxiliam na sua caracterização. As aprendizagens que circundam os ambientes cartoneros também sofrem variações. Tudo dependerá do ambiente que as editoras se inserem, dos indivíduos que nela participam e também da proposta que as caracterizam.

Na Mariposa Cartonera, os processos de produção não possuem responsáveis fixos para executar tarefas específicas, cada um escolhe a atividade que acredita desempenhar melhor, ou que lhe atraia mais. Nas oficinas cartoneras, a produção dos livros é realizada de forma mais solta, deixando que os envolvidos participem sem limitações daquela experiência. Entretanto, no cotidiano da editora, os processos sofrem algumas alterações, já que não possui a mesma proposta das oficinas. É criada uma rotina e um planejamento para que as metas e as atividades sejam realizadas e para que a editora consiga suprir as necessidades e se manter consolidada.

Outro aspecto que se destaca na Mariposa, é a articulação com as diversas outras (como já dita anteriormente). Em um dos momentos durante nosso trabalho de campo, a editora recebeu a visita de Alicia Cuerva (Cosette Cartonera), vinda da França com o objetivo de viajar pelo Brasil, conhecer a cultura do país e, a partir disso, lançar um livro com receitas veganas com os produtos que caracterizam a cultura do país.

Na editora, os mais experientes no movimento (no caso Wellington) executam tarefas mais complexas, dando o suporte para as mais simples. A partir do momento que os recém inseridos vão participando das diferentes etapas da produção dos livros e observando uns aos outros, trocando ideias e dando sugestões, vão sendo encarregados de tarefas mais complicadas.

Num espectro mais amplo, a criação de novas editoras, quase sempre, se dá a partir do contato com outras existentes a mais tempo no meio. Como foi o caso da própria mariposa,

contada nos primeiros parágrafos desse mesmo tópico. Atualmente, a mariposa é a editora cartonera que mais realiza ações e sinônimo de inspiração para inúmeras outras.

Os meses de trabalho de campo, propiciaram fazer uma conexão com a aprendizagem com/na prática. Vimos que naquele meio caracterizado como um espaço informal de aprendizagem, o estímulo à leitura, reflexão e expressividade são a base da construção dos conhecimentos que o circundam.

A SUSTENTABILIDADE E A CIDADANIA AMBIENTAL NO MOVIMENTO CARTONERO

Questões envolvendo sustentabilidade tornaram-se um princípio essencial a partir do crescimento da população mundial e de uma economia fundamentada no sobre consumo dos recursos naturais. A sociedade moderna rompeu os ciclos da natureza. Por um lado, extraímos mais e mais matérias-primas, por outro, fazemos crescer montanhas de lixo, sem nos preocuparmos com o seu destino. E, na maioria das vezes, todo esse resíduo, infelizmente, não é transformado em novas matérias primas (HOGAN, 1993).

O consumo ilimitado, baseado na crença de um desenvolvimento tecnológico igualmente ilimitado, contribui gradativamente para a alienação dos seres humanos, convertendo-os em robôs que buscam constantemente a satisfação através do consumo e descartam a satisfação numa interação que os levem a um crescimento espiritual. Quanto mais consumirmos sem ter a real necessidade de fazê-lo, menos humanos nos tornamos (GUIMARÃES, 2005).

As mudanças estão cada dia mais urgentes para melhorar a qualidade de vida da sociedade. Toda via, para que isso ocorra são necessárias transformações. Segundo Guimarães (2005), é necessário tratarmos da “cegueira” que nos faz vender nossa capacidade crítica em troca de uma quota extra de consumismo e de acumulação material, quando esses dois últimos não são, nem de longe, necessários para o desenvolvimento de seres humanos. Pelo contrário, nos fazem retroceder e conviver com a constante sensação de insatisfação.

Trazendo para o contexto cartonero, Carvalho (2005) afirma que os sentidos produzidos por meio da linguagem são a condição de possibilidade do agir no mundo. Não há ação possível num vácuo de sentido. Toda ação decorre de certa compreensão/interpretação, de algo que faz sentido. Num universo habitado por inúmeras chaves de sentido. Não é somente algo que se explica, mas sim que se compreende e por compreender estimula a agir.

Não adianta fazer com que os indivíduos compreendam a importância da criticidade para pensar e tomar decisões se não há um exercício que o estimule a fazê-lo. É necessário compreender a dinâmica da relação entre sociedade e meio ambiente nas suas múltiplas dimensões, diferenciando os significados junto às suas práticas. Interpretar os problemas e compreender seus significados – causas, processos de formação e eventuais consequências – nos ajuda a adquirir capacidades críticas que favorecem a liberdade de ação diante dos problemas vivenciados.

Do ponto de vista ético, a educação ambiental favorece a compreensão dos valores que orientam as relações do indivíduo consigo mesmo, com outros em sociedade e com o ambiente que se insere, sendo necessário ter em mente que os valores éticos são construídos a partir de fatores socioculturais e, por isso, mutáveis.

As editoras cartoneras, em sua grande maioria, são conhecidas por ofertarem oficinas nos locais onde se inserem, principalmente nos lugares onde o acesso a literatura é escasso. Portanto, a equidade nas relações entre leitores, autores e outras editoras também ganham destaque como característica desse movimento.

Nos momentos das oficinas os envolvidos adquirem a possibilidade de estabelecerem interações uns com os outros e através delas refletirem sobre os problemas, engajando-se em uma participação socioambiental que estimula a formar movimentos, processos e políticas que definem a qualidade de vida (LIMA, 2005).

O sujeito pensante não pode pensar sozinho; não pode pensar sem a coparticipação de outros sujeitos no ato de pensar sobre o objeto. Não há um ‘penso’, mas um ‘pensamos’. É o ‘pensamos’ que estabelece o ‘penso’ e não o contrário. Esta coparticipação dos sujeitos no ato de pensar se dá na comunicação. O objeto, por isso mesmo, não é a incidência terminativa do pensamento de um sujeito, mas o mediador da comunicação (FREIRE, 2010, p. 66).

É no momento das oficinas, onde ideias e tintas estão sendo compartilhadas, que as experiências ganham voz. Cada um possui uma história para contar, estando ela dentro dos livros, ou nas capas destes. A união de histórias é necessária para que movimentos possam surgir e os efeitos a partir deles também, da mesma forma que a comunicação é indispensável nessa articulação, seja ela por meio da linguagem, arte e/ou outros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É palpável a relação que pode ser estabelecida entre o movimento cartonero e a sociedade, assim como na política e economia ao entorno de onde o movimento se insere.

Questões ambientais e culturais também podem estar incluídas nas alçadas influenciadas por ele. Intrinsecamente, o conteúdo produzido e as ações realizadas pelos engajados no movimento levantam ideais e questionamentos acerca do mundo à volta daquele que, com eles, estabelece contato.

O discurso de movimentos ambientais por políticas sustentáveis que possibilitem uma melhor relação entre o ser humano e a natureza, viabilizam novas formas e modelos de sociedade que visam uma construção social sob a égide da concepção de um cidadão crítico, consciente quanto ao seu consumo e o quanto este afeta o meio em que ele vive, desdobrando uma interlocução com a literatura, já que ela procura debater o consumo literário cedendo espaço, para abocamentos acerca do consumo consciente e/ou temas afins.

O estímulo à ressignificação de conceitos e estereótipos, quase sempre, invisíveis aos olhos, pois é mascarado por agentes retentores de poder diante a sociedade, nos leva a uma reflexão para além da questão ecológica relacionada ao meio ambiente apenas, mas tão importante quanto ela.

Enxergar as relações sociais e engajamento dos participantes de movimentos sociais na mediação e articulação destas, possibilita a compreensão da necessidade de construir uma educação ambiental “fora da caixa”, articulando as esferas por mais que estas se pareçam heterogêneas (CARVALHO; MHULE, 2016).

É, acima de tudo, compreender que as aprendizagens presentes nesses contextos informais são tão importantes quanto aquelas encontradas nos ambientes formais de aprendizagens. É necessário não somente para atender a um objetivo específico ligado à cognição, mas principalmente para o desenvolvimento de uma aprendizagem significativa perante a sociedade e as ações dos indivíduos que nela se inserem.

O movimento oportuniza, além de que autores ascendentes publiquem suas obras, outras pessoas, como os próprios catadores, também possam. Isso estimula que cada um compartilhe sua realidade e sua visão de mundo, propiciando a comunicação entre as mais variadas esferas da sociedade, além da participação das mesmas na construção dessa literatura, desmistificando-a como intelectual e a ressignificando como popular.

REFERÊNCIAS

- ASSUNÇÃO, E.; COELHO, M.T. **Problemas de Aprendizagem**. Ática, 1989
- BILBIJA, K. Borrón y cuento nuevo - las editoriales cartoneras latino-americanas. **Revista Nueva Sociedad**, n.230. 2010.

- BUTER, S. L. **Los Papeles Instrumentales y Simbólicos de um Nuevo Fenômeno Literario.** Eloísa Cartonera, 2014.
- CARVALHO, I. C. M.; GRUN, M. **Hermenêutica E Educação Ambiental: o educador como intérprete.** **Encontros e Caminhos: Formação de Educadoras(es) Ambientais e Coletivos Educadores**, n. 1, p. 177-187. 2005.
- CARVALHO, I. C. M.; MHULE, R. P. **Intenção e atenção nos processos de aprendizagem. Por uma Educação Ambiental “fora da caixa”.** **Ambiente e Educação**. v. 21, n. 1. 2016.
- FANJUL, A. P. **Malha fina cartonera: novidade e projeto formador.** **Alea: Estudos Neolatinos**, v. 18, p. 369-374, 2016.
- FREIRE, P. **Extensão ou Comunicação.** Paz e Terra, 2010.
- GOLEMAN, D. **Inteligência Ecológica: o impacto do que consumimos e as mudanças que podem melhorar o planeta.** Elsevier, 2009.
- GUIMARÃES, R. P. **Ética e as Dimensões Sociais da Sustentabilidade.** **Encontros e Caminhos: Formação de Educadoras(es) Ambientais e Coletivos Educadores**, n. 2, p. 185-194. 2005.
- HOGAN, D. J. **Crescimento populacional e desenvolvimento sustentável.** *Lua Nova*, n. 31, p.57-78. 1993.
- KUDAIBERGEN, J. **Las editoriales cartoneras y los procesos de empoderamiento en la industria creativa mexicana.** **Cadernos Americanos: Nueva Época**, v. 2, n. 152., p. 127-146. 2015.
- LAVE, J. **Aprendizagem como/na prática.** **Horizontes Antropológicos**, v. 21, n. 44, p. 37-47, 2015.
- LAVE, J.; WENGER, E. **Situated Learning. Legitimate peripheral participation.** Cambridge University Press (NY), 1991.
- LIMA, G. F. C. **Responsabilidade Socioambiental e Sustentabilidade.** **Encontros e Caminhos: Formação de Educadoras(es) Ambientais e Coletivos Educadores**, n. 2, p.335-342. 2005.
- MENDES, M. C. **As Cartoneras pelo Mundo. Malha Fina Cartonera.** 2012. Disponível em: <<https://malhafinacartonera.wordpress.com/2016/05/11/as-cartoneras-pelo-mundo/>> Acesso em: 2018 jul.